
Encontrando arte com palavras: o filósofo como antropólogo

Meeting art with words: the philosopher as anthropologist

Tim Ingold, Mayane Batista Lima (tradutora) e Laísa Maida Pinto Lima (tradutora)



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/12334>

DOI: 10.4000/pontourbe.12334

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Tim Ingold, Mayane Batista Lima (tradutora) e Laísa Maida Pinto Lima (tradutora), «Encontrando arte com palavras: o filósofo como antropólogo», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.1 | 2022, posto online no dia 28 julho 2022, consultado o 18 outubro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/12334> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.12334>

Este documento foi criado de forma automática no dia 18 de outubro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

Encontrando arte com palavras: o filósofo como antropólogo

Meeting art with words: the philosopher as anthropologist

Tim Ingold, Mayane Batista Lima (tradutora) e Laísa Maida Pinto Lima (tradutora)

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 13/05/2022

Aceitação / Accepted 13/06/2022

NOTA DO AUTOR

Texto original em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1059712320970672>

- 1 Perto do final de sua palestra (página 32), Erik Rietveld estabelece um desafio provocativo: 'Os filósofos podem unir forças com artistas visuais para investigar não verbalmente como poderíamos viver de forma diferente e talvez melhor?' eu aceito este desafio, com o qual simpatizo inteiramente, como meu ponto de partida no breve comentário a seguir. Quero fazer três pontos. Em primeiro lugar, há uma disciplina na qual essas forças já estão unidas, a antropologia. Em segundo lugar, a condição de que a investigação conjunta seja não verbal apresenta uma limitação desnecessária. E em terceiro lugar, a partir disso, nosso primeiro passo deveria ser ir além da divisão entre expressões visuais e textuais.
- 2 Sobre o primeiro ponto, devo declarar interesse. Eu mesmo sou um antropólogo, e para mim – se não talvez para todos os meus colegas – a antropologia é uma investigação especulativa sobre as condições e as possibilidades da vida do ser humano. É realizada, porém, não na reclusão de uma torre de marfim, mas no mundo ao nosso redor, através de um engajamento com os seus constituintes que são ao mesmo tempo participativos e

observacionais. Antropólogos são filósofos nas perguntas em que fazem – sobre vida e morte, materiais e significado – mas eles fazem a sua filosofia do lado de fora, inspirando-se não somente nas pessoas cujas vidas eles compartilham, mas em tudo mais ao seu redor, desde animais e plantas a artefatos e construções, montanhas, marés, terra e céu. Assim, o próprio mundo vira um lugar de estudo, uma livraria, no qual é lida pelo que tem a nos dizer. O mesmo poderia ser dito dos artistas. Eles também são motivados pela pergunta: 'como poderíamos viver de forma diferente, e talvez, melhor?'. Nessa medida, antropólogos e artistas fazem causa comum¹. Essa causa é de Rietveld também. No entanto, o professor Rietveld tem um dos mais longos cargos que eu já vi. Ele é 'Professor de Reflexão Filosófica sobre Fazer e Incorporar Socialmente a Tecnologia na Tradição Humanista'. Eu gostaria de conferir a ele outro título, muito mais curto, 'Professor de Antropologia!'.

- 3 No entanto, gostaria também de vir em defesa das palavras. Acadêmicos, quer se identifiquem com a filosofia, antropologia ou alguma outra disciplina, têm uma relação peculiarmente ambivalente com as palavras, tanto as faladas quanto as escritas. Por um lado, as palavras são as principais ferramentas de seu ofício; por outro lado, eles são regularmente culpados por disfarçar, distorcer ou eviscerar a realidade da qual eles contam. A verdade, dizem os acadêmicos, sempre está atrás ou sob as palavras. No entanto, como todo poeta ou dramaturgo sabe, as próprias palavras são produzidas por corpos, as palavras são em si próprias produzidas pelo corpo. Na fala, surgem na respiração, formadas foneticamente na cavidade da boca, entre uma língua viva e lábios inquietos. Na escrita, elas se formam nos pequenos gestos e inflexões da mão e do punho. As palavras, então, não são o problema; o problema está no que a academia fez com elas. Elas foram deliberadamente esterilizadas, drenadas de ressonância e afeto, para garantir que não sejam contaminadas pelo contato com aquilo de que falam. Isso é uma condição de objetividade². Mas não precisa ser assim. Em vez de excluir as palavras de nossas investigações sobre as possibilidades da vida, por que não trazê-las de volta, de uma forma que faria pleno uso poético de seu potencial expressivo? Então, em vez de privar os filósofos das palavras, poderíamos permitir – na verdade, encorajar – nossos filósofos a serem poetas!
- 4 Concluindo uma discussão sobre sua instalação *The End of Sitting*, Rietveld nos convida a 'imaginar uma prática na qual a filosofia acadêmica é feita também de uma forma não textual, visual e tangível.' (página 30). A implicação é que os textos, nos quais os filósofos estão mais confortáveis, não são visuais. Mas como pode ser isso? Nós, a menos que sejamos pessoas com deficiência visual e dependentes de alguma alternativa, como Braille, não confiamos em nossos olhos para ler e escrever? A resposta padrão para esse tipo de pergunta é explicar que o texto concede, na mente de um leitor, palavras em vez de imagens. Esta distinção entre palavra e imagem, no entanto, é moderna, assim como entre ler e ver. Não faria sentido para nossos antepassados medievais, cuja arte dos escribas frequentemente serpenteava em representações figurativas e cujos desenhos, inversamente, fluíam perfeitamente para a escrita³. Pode ser que a mídia vá dissolver a distinção mais uma vez. Então eu digo, deixem os filósofos terem seus textos! Deixem-os criar seus pensamentos em palavras! Mas não coloquemos sua criação em um plano diferente daquele do calígrafo, cujas linhas são feitas com pincel e tinta, daquele do músico instrumental que as molda em som ou do tecelão cujas linhas são fios. Tudo envolve cuidado tangível e devoção, e todos dão origem a coisas belas em si mesmas.

NOTAS

1. Ingold, T. *Art and anthropology for a sustainable world*. Journal of the Royal Anthropological Institute, 25, 659–675. (2019)
 2. Ingold, Tim. "Correspondences. Cambridge: Polity." (2020).
 3. Tim Ingold (2010) Ways of mind-walking: reading, writing, painting, Visual Studies, 25:1, 15-23.
-

RESUMOS

Aceitando o desafio de Rietveld para filósofos se juntarem a artistas e investigar as perguntas de como viver melhor, essa observação argumenta (a) que essa conjunção de filosofia e arte já está em andamento na disciplina de antropologia, (b) que não precisa ser limitada a investigações não verbais e (c) que um foco no poder performativo das palavras nos permite fechar a lacuna entre expressões visuais e textuais.

ÍNDICE

Mots-clés: antropologia, palavras, texto, visão, filosofia, arte

AUTORES

TIM INGOLD

É professor emérito de antropologia social na Universidade de Aberdeen. Realizou trabalho de campo entre os Sámis e finlandeses na Lapônia, escreveu sobre meio ambiente, tecnologia e organização social no norte circumpolar; sobre animais em sociedade humana; e sobre ecologia humana e teoria da evolução. Seu trabalho mais recente explora a percepção ambiental e a prática qualificada. Os interesses atuais de Ingold estão na interface entre antropologia, arqueologia, arte e arquitetura.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6703-6137>

MAYANE BATISTA LIMA (TRADUTORA)

Universidade Federal do Amazonas

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFAM).

Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam).

Email: mayanejornalista@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5901-1412>

LAÍSA MAIDA PINTO LIMA (TRADUTORA)

Universidade Federal do Amazonas

Mestra em Ciências da Comunicação (PPGCCOM/UFAM).

Grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (Nepam/Ufam)

Email: maidalaisal@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3299-3006>